

O DISCURSO DE POSSE DE BARACK OBAMA MEDIANTE O ENFOQUE CONCEITUAL DA AD¹

Diego Kellyson Custódio de Sena²
Mônica Heloyza Freitas Figueirêdo³

Resumo: Os estudos sobre a linguagem tem cada vez mais evoluído e acompanhado as transformações das práticas sociais. A forma como os sujeito interagem e a produção dessa interação tem sido alvo constante de estudos e análises, tanto que surge a Análise do Discurso como disciplina dedicada à compreensão da produção e materialização do discurso como produto das relações sociais entre os sujeitos. Para a contribuição com esses estudos, nos propomos a ampliar nossos conhecimentos sobre as teorias da Análise do Discurso realizando um estudo teórico a partir dos autores Mussalin (2006), Gregolin (2000) e Fernandes (2005), tendo como *corpus* o discurso político, mais precisamente o discurso de posse do primeiro mandato do presidente americano Barack Obama. A análise levou em consideração os conceitos de formação discursiva, formação ideológica e memória discursiva. Os resultados mostraram Barack Obama como um sujeito discursivo inserido num contexto histórico social de luta contra o preconceito, seu discurso é marcado pela interdiscursividade com fatos e textos bíblicos, filosóficos e históricos.

Palavras-chave: Discurso. Análise do Discurso. Formação ideológica. Formação Discursiva.

Introdução

Os estudos da linguagem ganharam novas perspectivas a partir dos estudos da Análise do Discurso. O discurso deixa de ser visto apenas como produto externo ao sujeito para ser concebido mediante seu contexto de produção e originado no consciente do sujeito que o produz, o qual, por sua vez, está situado num contexto histórico social que molda e reflete de alguma forma, os discursos por ele produzidos. Neste contexto teórico, o objetivo do trabalho é analisar o discurso de posse do presidente norte americano Barack Obama.

Os conceitos de formação ideológica e formação discursiva mostraram novas possibilidades de análise e interpretação dos discursos, levando em consideração não apenas a materialidade do texto falado ou escrito, mas também as

1 Trabalho apresentado à Disciplina Análise do Discurso como requisito avaliativo, elaborado mediante orientação da prof^a Dr. Eliete Queiroz.

2 Alunos do 5º período de Letras Inglês CAMEAM/ UERN semestre letivo 2016.1

condições de produção do discurso marcadas pelo sujeito inserido num contexto histórico social e cultural definido por valores e ideias individuais e coletivas.

Assim sendo, surgiu o interesse em pesquisar na prática as marcas da interdiscursividade e da formação ideológica que perpassam os discursos materializados na atualidade. Para tanto, escolhemos analisar o discurso de posse do primeiro mandato do presidente norte americano Barack Obama.

Para as discussões teóricas sobre Análise do Discurso e seus conceitos de análise, nos baseamos nos pressupostos de Gregolin (2000), Fernandes (2005) e Mussalin (2006), dos quais nos apropriamos dos conceitos de formação discursiva, formação ideológica e memória discursiva, bem como os conceitos de discurso proposto pela Análise do Discurso.

Para melhor compreender essa pesquisa a dividimos em partes, a Introdução que apresenta o trabalho, a parte teórica que expõe os conceitos da Análise do Discurso, seguida da análise e descrição do *corpus* escolhido, por fim as considerações finais seguidas das referências dos textos lidos para a construção dessa pesquisa.

Considerações iniciais sobre a AD

A Análise do Discurso, doravante AD, nasceu dentre vários ramos e evolução da Linguística nos estudos da linguagem. Com ramificações no marxismo, na linguística e na psicanálise a AD constrói e define seu objeto de estudo, o discurso, o qual é visto não apenas como produto de um sujeito falante, mas como a produção de um indivíduo vinculado ao meio no qual está inserido e às condições que interferem na construção e materialização de sua fala, ou seja, o seu discurso. Mussalim (2006, p. 110) vai nos dizer ainda que:

O estudo do discurso para a AD, como já foi dito anteriormente, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Assim, o sujeito laciano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecida para a AD uma teoria de sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não consciente.

A consciência a que se referem as autoras, diz respeito às ideias que organizam e dão origem aos discursos antes mesmo deles serem proferidos na exterioridade, nas relações de emissão e compreensão entre as pessoas. Isso porque, nossas ideias não são isoladas do contexto no qual vivemos, nem de

nossos valores que são herdados de gerações anteriores e ainda sofrem interferências da realidade momentânea do cotidiano. É a isso que se refere às autoras quando afirmam que os textos, os discursos são *produtos de um trabalho ideológico inconsciente*.

Essa concepção de que o sujeito e seu discurso não podem ser separados e que este último é construído e ao mesmo tempo modificado pelas relações sociais, também se encontra nos estudos de Fernandes (2005, p. 20) ao explicar que:

[...] discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares.

Ao se referir as posições de constaste o autor exemplifica que diferentes sujeitos podem se posicionar ideologicamente e linguisticamente sobre o mesmo tema, de formas diferentes usando-se às vezes, das mesmas palavras e ideias para construir seu discursos. Isto é, a escolha de palavras e o posicionamento das ideias, podem e sempre revelam, outros discursos e informações interligados à discussão sobre o mesmo tema. O que conta ao final para os sujeitos, é o efeito de sentidos produzidos e deixados pelos seus respectivos discursos, as possíveis reflexões e ideias surgidas a partir dos sentidos de seus discursos proferidos.

Quanto à construção de sentidos Fernandes (2005, p. 22-23) nos explica:

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.

Nesses termos, o contexto de vivência de um sujeito, pode e vai, interferir na construção e materialização de seu discurso, o qual ainda poderá revelar a temporalidade, as condições sócias e econômicas de quem proferiu tal discurso, isso porque o sujeito lança mão de seu conhecimento de mundo, da linguagem apreendida no seu meio, da ideologia que marca as relações de seu tempo, para então, construir e proferir seus discursos. Mussalim (2006, 123) diz então que:

O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos.

Isso acontece porque o sujeito acompanha as mudanças e transformações no decorrer do tempo e da história, além do mais, seria um tanto ilógico falar de temas e apresentar um posicionamento ideológico sobre o um assunto do qual ninguém fala mais, ou está fora de contexto e tempo. Assim sendo, os discursos também acompanham as evoluções históricas, sociais e culturais, os posicionamentos ideológicos individuais e coletivos.

A noção de sujeito para a AD

Como pessoas comuns compreendemos sujeito como uma pessoa individual desvinculada de referências históricas e sociais. Porém a AD interpreta a noção de sujeito de modo muito mais amplo e ao mesmo tempo preciso, para ela, o sujeito não é alguém individual, antes, é um sujeito discursivo e social como Fernandes (2005, p. 33) explica logo abaixo

[...] o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um "eu" individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico.

Assim sendo, diante das palavras do autor, na AD o sujeito deve ser sempre considerado como um sujeito interligado às ideologias e lugares que ocupa nas relações sócias, e é ao mesmo tempo, construído por esses aspectos, o que por sua vez, reflete e interfere em seus discursos, significa dizer também que o discurso desse sujeito não é único e inédito, pelo contrário, ele foi construído com bases em outros discursos e posicionamentos ideológicos anteriores a esse sujeito atual, nos valem sempre das ideias ou do discurso de outrem para dar significado ao nossos próprios discursos.

A construção de nossos discursos nasce de nossa formação discursiva, que não apreende as coisas do nada, obviamente ela deverá encontrar raízes em outros discursos pré-existentes, em ideologias já disseminadas na sociedade na qual estamos inseridos. Não nascemos em um mundo sem cultura, já nascemos

inseridos em uma sociedade cultural e ideologicamente construída. O que fazemos é nos apropriar dos saberes existentes para moldar nossa forma de pensar e construir nossos discursos.

Os conceitos de formação discursiva na AD

Uma formação discursiva está ligada às bases que possibilitam a formação dos discursos de um sujeito, suas ideias, os conceitos apreendidos ao longo de sua vivência, nas inter-relações sociais e históricas, dos quais nos apropriamos, moldamos e materializamos nossos novos discursos. Previamente à formação discursiva, construímos nossa formação ideológica, a qual revela nossos valores e ideias que se articulam, por vezes se confrontam, para dar origem ao nosso posicionamento ideológico. Mussalim (2006, p. 125) também vai dizer que:

Uma formação ideológica comporta necessariamente mais de um posição capaz de se confrontar uma com a outra. Na verdade, numa formação ideológica, as forças não precisam estar necessariamente em confronto; elas podem entreter entre si relações de aliança ou também de dominação

Nas relações sociais, estamos sempre e continuamente aceitando e ao mesmo tempo rejeitando o posicionamento ideológico das pessoas que nos cercam e interagem conosco, assim como, aceitamos ou refutamos o posicionamento ideológico instituído no decorrer do tempo na nossa história, o que permite demarcar o lugar e o período de produção e materialização dos discursos ao longo da vida.

Fernandes (2005, p. 49) acrescenta ainda que:

Os enunciados apreendidos em dada materialidade linguística explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se. Uma formação discursiva dada apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que, por sua vez, contradizem, refutam-na.

Tomando por base o que diz o autor, podemos dizer que a formação discursiva não é homogênea, nem ocorre de forma igual para todos, cada sujeito, a partir de diversos fatores, pressupostos e escolhas pessoais e coletivas, vai construir sua formação discursiva com base em muitas outras formações discursivas. Contudo, é preciso entender que quando nos apropriamos de outras ideias e discursos não o repetimos tal e qual, naturalmente tratamos de moldá-lo e transformá-lo à nossa ideia antes de proferi-lo novamente, tudo que é ou já foi dito

se recria, se transforma em um discurso novo determinado e marcado pelo sujeito que o proferiu.

Junto ao conceito de formação discursiva e ideológica, temos ainda as noções de memória discursiva, da qual também lançamos mão para construir e estruturar nossos discursos. Fernandes (2005, p. 57) nos faz lembrar que o conceito de memória discursiva, não remete necessariamente, à lembranças e recordações pessoais, antes está ligado à cultura, às formas de existência e interação entre os sujeitos. “Em se tratando de memória discursiva, não estão em questão as lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural, com formas de trabalho, de lazer, etc., específicas.”

Assim sendo, quando construímos e materializamos nossos discursos lançamos mão dessa existência que já deixou marcas e uma base que serve de estrutura para novas construções e formações ideológicas e ao mesmo tempo discursivas.

Gregolin (2000, p. 70) vai mais além dos conceitos de formação discursiva e ideológica, quando argumenta que:

Para as formulações atuais da Análise do Discurso, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do *cogito* como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante está inscrito.

Em outras palavras, o que a autora quer dizer é que o sujeito não é dono do discurso que profere, antes ele é marcado, interpelado e inconscientemente guiado pela sua formação ideológica que por sua vez não permite a real liberdade discursiva, isto é, nossa formação discursiva é limitada e condicionada por nossa formação ideológica.

Para melhor entender como podemos identificar e marcar formações ideológicas, formações discursivas, interdiscursividade, nos propomos analisar um discurso materializado na contemporaneidade, o discurso de posse do primeiro mandato de Barack Obama na presidência dos Estados Unidos.

O discurso de posse de Barack Obama mediante o enfoque conceitual da AD

Tendo por objetivo o aprofundamento nos conceitos teóricos da Análise do Discurso, nos propusemos a análise e compreensão do discurso do presidente norte americano Barack Obama, observando a formação discursiva e ideológica e a memória discursiva. O discurso do presidente norte americano proferido no dia 20 de janeiro de 2009 e publicado em jornais de todo o mundo, em versões original e traduzida para o país de publicação do jornal, no nosso caso, o *corpus* foi retirado da página *online* do jornal UOL Notícias, já na versão em português. Para melhor compreensão dessa análise dividimos o discurso em enunciados que foram numerados para melhor localização dos fragmentos usados como exemplos.

Iniciamos nossa análise retomando o conceito de sujeito proposto pela AD, um sujeito social, marcado e atravessado por ideologias e discursos de outrem, para dar origem ao seu discurso próprio que pode-se chamar de novo, mas que é ao mesmo tempo baseado em outros discurso que em algum lugar da história já forma ditos também por outros sujeitos de seu tempo.

Obama inicia seu discurso já se inserindo no contexto de cidadão comum e homem do povo, ele não se distancia de seus eleitores, ao contrário se insere no meio deles ao usar as seguinte palavras:

[01] Meus caros **concidadãos**

Ao falar *concidadãos* o autor dos discursos se iguala aos seus ouvintes, evitando o distanciamento e a formalidade política, evitando a desigualdade a nível social, ele como presidente da nação, líder político administrativo se posiciona como um cidadão igual a qualquer outro que faz parte da nação norte-americana.

Obama como locutor do discurso de posse, também se mostra um sujeito inserido na história política de seu país, e que naquele momento também entrará para a história pronunciando um juramento, que já foi feito por 44 outros presidentes, e independente do tempo na história e dos acontecimentos da época, esse juramento possui o mesmo valor simbólico, representando o compromisso levado a cabo por aquele que assume a presidência do país, como podemos observar no exemplo retirado do terceiro parágrafo do texto.

[03] **Quarenta e quatro americanos já fizeram o juramento presidencial.** As palavras foram pronunciadas durante marés ascendentes de prosperidade e nas águas plácidas da paz. Mas de vez em quando o juramento é feito entre nuvens carregadas e tempestades violentas.

Quando se refere às *marés ascendentes de prosperidade e nuvens carregadas e tempestades violentas*, o autor do discurso marca a temporalidade de seu discurso, porque mesmo durante os períodos de paz entre as nações ou durante os períodos de guerra como a 1ª e 2ª guerras mundiais, presidentes forma eleitos e assumiram o governo americano.

Outro fragmento do quinto parágrafo também marca o contexto histórico de produção discursiva, ao usar as palavras *hoje* e fazer alusão à guerra travada entre os Estados Unidos e o Afeganistão, a qual teve repercussão não apenas entre os dois países envolvidos, mas em todo o mundo, nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

[05] Que estamos em meio a uma crise **hoje** é bem sabido. Nossa nação está em **guerra**, contra uma ampla rede de violência e ódio.

Pudemos também encontrar no discurso analisado exemplos da interdiscursividade entre a fala do sujeito Obama, homem, que possui religião, está inserido numa comunidade, que possui valores semelhantes aos demais. Ele lança mão do discurso bíblico para compor seu discurso e construir seus argumentos políticos, palavras como *nas escrituras, a promessa dada por Deus de que todos são iguais*, essas palavras possuem um efeito de sentido que demonstra o princípio de igualdade entre os homens, não importando a raça, religião, classe social, etc.

O autor do discurso, no caso Obama, nos faz entender que esse será o princípio que regerá seu governo, o princípio da igualdade entre o povo que compõe a nação norte-americana.

[10] Ainda somos uma nação jovem, mas, **nas palavras da escritura**, chegou o tempo de pôr de lado as coisas infantis. Chegou o tempo de reafirmar nosso espírito resistente; de escolher nossa melhor história; de levar adiante esse dom precioso, essa nobre ideia, transmitida de geração em geração: a promessa **dada por Deus** de que **todos são iguais**.

Outro fragmento do discurso de Obama revela algumas bases de sua formação ideológica, fundamentada nos valores dos antepassados políticos, nos fatos que mudaram a história norte americana, nos princípios iluministas que marcaram toda a história da independência dos Estados Unidos.

Isso significa que ele acredita nos ideais iluministas, que ele defende o princípio da liberdade, igualdade e prosperidade entre os homens. Esses ideais marcaram todo o século XVII, através de filósofos e pensadores como Robespierre e

Montesquieu que marcaram a história da humanidade, estão impressos na Declaração de Independência americana, e é base da cultura no país, não apenas nos Estados Unidos, mas em todos que primam pelo princípio da liberdade, igualdade e justiça entre os homens.

[21] Nossos **pais fundadores**, diante de perigos que mal podemos imaginar, redigiram uma carta para garantir o regime da lei e **os direitos do homem**, uma carta expandida pelo **sangue de gerações**. Aqueles **ideais ainda iluminam o mundo, e não vamos abandoná-los** em nome da conveniência.

Em outro fragmento, podemos encontrar as marcas que indicam a origem social e cultural de Obama, sujeito inserido numa realidade de segregação racial que marca a história de seu país, ao ser o primeiro presidente negro em uma nação que já foi escravocrata e alguns grupos sociais ainda se mantêm racistas.

No parágrafo 24, Obama fala no *sabor amargo da guerra civil*, na *segregação* e *capítulo escuro*, quem conhece ou tem noções sobre a história norte-americana, é sabedor de todos os problemas vivenciados pelos negros antes e depois da independência dos Estados Unidos, um país que já viveu o *apartheid* eger um homem negro no século XXI mostra um pouco dos avanços na formação ideológica e na mudança dos valores da sociedade norte-americana. Bem como ele demonstra a crença na transformação total desses valores ao desejar que *antigos ódios um dia passarão*.

[24] Somos formados por todas as línguas e culturas, saídos de todos os cantos desta Terra; e como provamos **o sabor amargo da guerra civil** e da **segregação**, e emergimos daquele **capítulo escuro** mais fortes e mais unidos, só **podemos acreditar que os antigos ódios um dia passarão**; que as **linhas divisórias** logo se dissolverão; que, conforme o mundo se tornar menor, nossa humanidade comum se revelará; e que a América deve exercer seu papel trazendo uma nova era de paz.

Cabe lembrar não apenas que Obama é negro, mas também oriundo de uma família humilde, que sofreu na pele o preconceito de muitos americanos, que viu seus pais também sofrerem com o período de segregação racial, portanto, por trás de suas palavras também pode-se perceber a voz de todos os negros americanos que sonharam com o fim do preconceito racial e a real igualdade de direitos entre os homens, fato representado pela chegada de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos.

Considerações finais

Ao final desse trabalho retomemos os conceitos que nortearam essa pesquisa. A análise do Discurso como área de estudos, teve um princípio interdisciplinar e tomou como objeto de análise o discurso. O qual posteriormente seria retomado mediante o acréscimo das noções de sujeito e mais fortemente das concepções de ideologia que interferem na formação ideológica e discursiva, que por sua vez, são perceptíveis nas entrelinhas dos discursos materializados por sujeitos socialmente e historicamente situados na sociedade.

Baseados nesses princípios teóricos, surgiu a inquietação de averiguar nas práticas linguísticas e discursivas as possíveis formações ideológicas e discursivas que permeiam um discurso. Para isso, escolhemos o discurso de posse do primeiro mandato do presidente americano Barack Obama.

Através da análise e descrição sumária de seu discurso de posse, pudemos verificar as marcas que compõem seu discurso; sua formação ideológica, pessoal é de um sujeito inserido numa sociedade moderna marcada pelo preconceito racial, está marcada pela religiosidade e os ideais iluministas que primam pela liberdade, igualdade entre os homens. Esses fatores também revelam ao mesmo tempo, a interdiscursividade que suas palavras fazem com discursos citados em outros tempos em outras épocas, como o discurso bíblico, o discurso político iluminista e o discurso político de outros presidentes antes dele.

Esses fatos detectados, nos faz ir ao encontro dos conceitos de memória discursiva mencionados nos estudos de Gregolin (2000), os quais reiteramos ao dizer que os elementos usados na construção do discurso de Obama estiveram presentes na sua memória, foram usados por ele, mas não tal e qual como foram citados primeiramente, mas foram moldados em função da formalidade na materialização de seu discurso de posse, na construção dos argumentos e ideias que deram forma a seu discurso, na construção dos efeitos de sentidos que podem ter deixado para os que conheceram ou venham a conhecer o discurso de Obama.

De fato, não nos pronunciamos como sujeitos dissociados de nossa cultura, de nossos valores, nem do conhecimento acumulado ao longo do tempo, estamos constantemente nos apropriando dos discursos pré-existentes e construindo novos, constantemente dando formas novas aos velhos discursos.

Por fim, cabe lembrar que essa pesquisa por seu espaço limitado, não pode dar conta da análise de todo o *corpus*, muitas indagações podem surgir e outros aspectos podem ainda ser analisados sob essa mesma temática, contudo, podemos dizer que alcançamos nosso propósito de testar na prática de análise linguística, os conceitos teóricos estudados.

Referências

FERNANDES, C. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GREGOLIN, M. R. V. **Filigramas do discurso**: as vozes da história. Araraquara: FLC / Laboratório Editorial /UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000. 232 p. (Coleção Letras).

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. V. 2. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 101 – 139.

<http://noticias.uol.com.br/especiais/posse-barack-obama/ultnot/2009/01/20/ult7169u43.jhtm>